

# TRANSUMANISMO E FÉ CRISTÃ: BUSCA POR UM DISCERNIMENTO

Carlo Lorenzo Rossetti

Doutor em História da Filosofia pela *Université Catholique de Louvain*, na Bélgica. Doutor em Teologia pela *Pontificia Università Gregoriana* de Roma. Fez parte do corpo docente da *Pontificia Università Lateranense* de Roma. Reitor atual do Seminário *Redemptoris Mater* de Lezhë e leciona no Instituto Filosófico-Teológico de Escondra, na Albânia.  
E-mail: c.lorenzo.rossetti@gmail.com

**Resumo:** *Propõe-se um discernimento cristão sobre o fenômeno transumanista em sua versão radical. Os contributos positivos de ciência e de técnicas (especialmente a "nanomedicina") são inegáveis. Mas, típico do mundo secularizado, neo-gnóstico e neo-pelagiano, a ideologia transumanista se revela a mais poderosa reedição da vontade de criar um "Homem novo", sem Deus e sem Cristo. À luz do magistério pontifício (em essência já presente em Paulo VI) recorda-se três critérios que o transumanismo de fato contradiz: a necessidade de um verdadeiro progresso integralmente humano (cf. *Populorum Progressio*), um devido respeito à natureza (cf. *Humanae Vitae*) e especialmente o anúncio de Cristo como verdadeiro Homem novo (cf. *Evangelii Nuntiandi*).*

**Palavras-chave:** Transumanismo. Antropologia. Progresso Integral. Natureza. Paulo VI.

**Abstract:** *This essay proposes a Christian discernment on the radical transhumanist phenomenon. We cannot deny the positive contributions of sciences and techniques (especially nanomedicine); but the transhumanist ideology – which is peculiar of a secularized neo-gnostic and neo-pelagian mentality – appears as the most powerful re-edition of the will to create a "new Man" without God and without Christ. In the light of the papal magisterium (especially of Paul VI) there are three criteria that transhumanism in fact contradicts: the necessity of a true integral human progress (cf. *Populorum progressio*); the dutiful respect for nature (cf. *Humanae vitae*) and above all the announcement of Christ as the*

*true fulfillment of Man (cf. *Evangelii nuntiandi*).  
**Keywords:** Transhumanism. Anthropology. Integral Progress. Nature. Paul VI.*

**Resumen:** *Se propone un discernimiento cristiano sobre el fenómeno transhumanista en su versión radical. Las contribuciones positivas de la ciencia y las técnicas (especialmente la "nano-medicina") son innegables. Pero, típica de un mundo secularizado, neognóstico y neopelagiano, la ideología transhumanista demuestra ser la reedición más poderosa de la voluntad de crear un "hombre nuevo" sin Dios y sin Cristo. A la luz del magisterio pontificio (que se encuentra en germen ya en Pablo VI), se recuerdan tres criterios que el transhumanismo de hecho contradice: la necesidad de un progreso verdadero y totalmente humano (cf. *Populorum progressio*), de un respeto obediente por la naturaleza (cf. *Humanae vitae*) y, sobre todo, la proclamación de Cristo como verdadero hombre nuevo (cf. *Evangelii nun-tiandi*).*

**Palabras clave:** Transhumanismo. Antropología. Progreso integral. Naturaleza. Pablo VI.

**Sommario:** *Si propone un discernimento cristiano sul fenomeno transumanista nella sua versione radicale. Gli apporti positivi delle scienze e delle tecniche (specie la "nanomedicina") sono innegabili. Ma, propria di un mondo secolarizzato, neo-gnostico e neo-pelagiano, l'ideologia transumanista si rivela la più potente reidizione della volontà di creare un "Uomo nuovo" senza Dio e senza Cristo. Alla luce del magistero pontificio (rinvenuto in nuce già in Paolo VI) si ricordano tre criteri che il transumanesimo di fatto contraddice: la*

*necessità di un vero progresso integralmente umano (cfr. Populorum progressio), di un doveroso rispetto per la natura (cfr. Humanae vitae) e soprattutto dell'annuncio di Cristo come vero Uomo nuovo (cfr. Evangelii nuntiandi).*

**Parole chiave:** Transumanesimo. Antropologia. Progresso integrale. Natura. Paolo VI.

**Résumé:** On propose un discernement chrétien à propos du phénomène transhumaniste dans sa version radicale. Les contributions positives de la science et des techniques (spécialement la "nanomédecine") sont indéniables. Pourtant, bien typique du monde sécularisé,

*neo-gnostique et neo-pélagian, l'idéologie transhumaniste se révèle la plus forte réédition de l'envie de créer un "Homme nouveau", sans Dieu et sans Christ. Sous la lumière du magistère pontifical (en essence déjà présent en Paul VI) il est rappelé trois critères que le transhumanisme contredit en fait: la nécessité d'un vrai progrès intégralement humain (Populorum Progressio), le respecte à la nature (cf. Humanae Vitae) et spécialement l'annonce de Christ comme le vrai Homme nouveau (cf. Evangelii Nuntiandi).*

**Mots-clés:** Transhumanisme; Anthropologie. Progrès Intégral. Nature. Paul VI

«A conquista final do homem se revela como a abolição do homem»  
(C. S. Lewis)

«Se em um futuro próximo prevalecesse o domínio da técnica, ou como se diz, a *tecnocracia*, isto poderá ser fonte de males não menos temíveis do chamado *liberalismo do passado*»

(Paolo VI, *Populorum progressio*, 34).

«Aquilo que mede a perfeição da pessoa é o seu grau de caridade, não a quantidade de dados e conhecimentos que possam acumular»

(Francisco, *Gaudete et exsultate*, 37).

Este breve ensaio<sup>1</sup> propõe uma reflexão que ajude a discernir, de um modo católico, o fenômeno do transumanismo. Os termos "transumanismo" e "pós-humanismo" não são ainda familiares para a maioria dos nossos contemporâneos (especialmente na Europa e na Itália em particular) e não é frequente que revistas de teologia se interessem por esse tema<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Tradução do texto original italiano ao português, de Lucas Carvalho de Medeiros, bacharel em teologia pelo Centro de Estudos Filosófico-Teológico *Redemptoris Mater* de Brasília.

<sup>2</sup> Um caso audaz de abertura se encontra em BENANTI, Paolo. «Ut si homo non daretur? Un tentativo di dialogo con il post-umano a partire da alcuni spunti della Gaudium et spes». *Gregorianum* 97/3 (2016) 543-564. As páginas que seguem se inspiram principalmente na monição ao *elenchein* profético recomendado aos fiéis (cf. Ef 5,11b) e tem em vista o transumanismo na sua vertente radical (cf. *Ibid.*, p. 555).

Entretanto, como veremos, tal fenômeno representa um dos principais desafios antropológicos e sociais do nosso tempo. Antes, podemos dizer, sem muito temor de ser desmentidos, que o transumanismo constitui a máxima reedição, no nosso tempo, do mito do *Homem novo*, em sequência aos totalitarismos social-comunista e nazi-fascista do 20 século<sup>3</sup>.

Procederemos assim: em um primeiro momento ofereceremos um breve retrato daquilo que o transumanismo propõe como visão do mundo e do homem. Exporemos então três instâncias do Magistério católico (por si mesmas já enucleadas por Paulo VI) que pintarão o contraste irreduzível entre concepção transumanista e a doutrina cristã: a noção do verdadeiro progresso integralmente humano; o devido respeito pela natureza biológica e humana como criação e sobretudo o anúncio de Cristo como verdadeiro e definitivo Homem novo.

## 1. O FENÔMENO TRANSMANISTA

### 1.1 SUPERAR O HOMEM

“Transumanismo”, “pós-humanismo” ou ainda “Estropismo” são expressões que, além das numerosas variantes e diversas ramificações, designam o movimento do pensamento e também o projeto prático que tem por assunto a questão do potencial biotecnológico do homem (*Enhancement*), e até mesmo da sua vitória sobre a morte<sup>4</sup>. Como é notável, o fulcro do tema transumano se exprime na sigla “CT” de *Convergent Technologies*<sup>5</sup>, o qual

<sup>3</sup> Por exemplo, cf. MATARD-BONUCCI, Marie-Anne; MILZA, Pierre. *L'Homme nouveau dans l'Europe fasciste (1922-1945)*. Paris: Fayard, 2004; DROIT, Emmanuel. *Vers un homme nouveau. L'éducation socialiste en RDA (1949-1989)*. Rennes: Presses Univ. de Rennes, 2009.

<sup>4</sup> Ver VATINNO, Giuseppe. *Il "transumanesimo". Una nuova filosofia per l'Uomo del XXI secolo*. Roma: Armando Ed., 2010; MANZOCCO, Roberto. *Esseri umani 2.0. Il transumanismo: idee, storia e critica della più nuova delle ideologie*. Milano: Springer, 2014. Iniciado com as premonições dos irmãos Julian e Aldous Huxley, o transumanismo tem, como atual principal promotor, KURZWEIL, Ray. *La singularità è vicina*. Milano: Apogeo, 2008 [orig. 2005], e o seu livro escrito com Terry Grossmann: *Transcend: Nine Steps to Living Well Forever*. New York: Rodale, 2009. Ver também ALEXANDRE, Laurent. *La mort de la mort: comment la technomédecine va bouleverser l'humanité*. Paris: éd. J.-C. Lattès, 2013; BESNIER, Jean-Michel. *Demain les Posthumains. Le futur a-t-il encore besoin de nous?* Paris: Hachette, 2009.; FERRY, Luc. *La révolution transhumaniste*. Paris: Plon, 2016; HARARI, Yuval Noah. *Homo deus. Breve storia del future*. Milano: Bompiani, 2017.

<sup>5</sup> Cfr. CONVERGING TECHNOLOGIES FOR IMPROVING HUMAN PERFORMANCE: NANOTECHNOLOGY, BIOTECHNOLOGY, INFORMATION TECHNOLOGY AND COGNITIVE SCIENCE, tido como o “NBIC Report” de 2002 (disponível em: [http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/Report/NBIC\\_report.pdf](http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/Report/NBIC_report.pdf).)

supõe a ligação “NBIC”, isto é, a interação de Nanotecnologia, Biotecnologia, Informática e ciências Cognitivas (neurociências e inteligência artificial) e se pode acrescentar o “R” de Robótica. Frequentemente designado com a sigla “H+”, “>H” ou “Homem 2.0” (ou seja, “homem potencializado”), o ser transumano ou pós-humano visa a completar cientificamente e tecnologicamente a evolução darwiana através da assim dita *hibridização mutante*: «a cultura Humanista construiu o Homem, o pós-humanismo o destrói fazendo emergir a dinâmica hibridaria e mutante do *Homo Sapiens*: o homem da condição pós-humana é um ser vivente consciente da própria miscigenação, que compreendeu a dinâmica de identidade que o constitui e que se prepara responsavelmente para assumir o fluir»<sup>6</sup>. Isto se realizará por uma medicina que não será mais somente terapêutica-reparadora, mas também “aumentativa”: a possibilidade não só de corrigir defeitos mediante transplantes de próteses ou eventualmente órgãos biônicos (*Cyborgs*), mas ainda a possibilidade de duplicar incomensuravelmente as capacidades cerebrais e cognitivas. Aplicado à biologia humana e à genética, o transumanismo prevê também a derrota do envelhecimento celular<sup>7</sup> e uma eugenia médica que faça passar “*from Chance to Choice*” (do acaso para a escolha) com o escopo de eliminar toda deformação recorrendo ao *editing* genético<sup>8</sup>. A seleção dos embriões mediante o diagnóstico pré-fecundação e pré-natal é desde já práxis comum no contexto da procriação assistida. Através das fases graduais de “*life-extension and age-reversal projects*”, o êxodo da natureza e do corpo de carne é um dado de fato do ideal estrópico<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> Cfr TINTINO, Giorgio. *Tra Umano e PostUmano. Disintegrazione e riscatto della persona*. MILANO: FRANCO ANGELI, 2015, 17.

<sup>7</sup> Por exemplo as pesquisas de A. De Grey e o projeto SENS: *Strategies for Engineered Negligible Senescence* (<http://www.sens.org/>). Cfr BONIFATI, Nunzia; LONGO, Giuseppe O. *Homo immortalis. Una vita (quasi) infinita*. Milano: Springer, 2012.

<sup>8</sup> Cfr MELDOLESI, Anna. *E l'uomo creò l'uomo. Crispr e la rivoluzione dell'editing genomico*. Torino: Bollati Boringhieri, 2017.

<sup>9</sup> Ver por exemplo a “*Lettera a Madre Natura*” redigida em 1999 e retocada em 2009 por Max More, mentor do transumanismo, das *Cryonicchess* e fundador do *Extropy Institute* (cfr <http://strategicphilosophy.blogspot.al/2009/05/its-about-ten-years-since-i-wrote.html>).

Em última instância o ideal transumanista visa à “Singularidade”<sup>10</sup>, ou seja, à criação tecno-científica de uma realidade artificial pós-humana, superior ao homem e independente dele, privada de doenças genéticas, de longevidade praticamente indefinida e das capacidades físicas e intelectuais desmesuradamente superiores às daquelas do *homo sapiens sapiens*.

Os interesses econômicos postos em jogo por uma tal visão do mundo e do futuro não vão silenciados, só aparentemente fruto de ficção-científica. Essa visão tem seu coração pulsante na avançadíssima californiana *Silicon Valley* e goza dos mais consistentes financiamentos da parte do assim dito Gafam<sup>11</sup>. Paradoxalmente em respeito às outras revoluções históricas, a “revolução transumanista” não provém de baixo, de uma classe proletária oprimida; ela é, em vez, animada e dirigida por uma parcela mínima de potentes milionários, que concentram inimaginável poder econômico e financeiro, científico e midiático e é levada avante de modo *soft*, gradual e até mesmo à luz do sol.

As faces distópicas das políticas reprodutivas e demográficas ateadas pelo transumanismo são evidentes para todos: a perspectiva da longevidade ilimitada impõe, por si mesma, que o número dos indivíduos singulares venha absolutamente controlado mediante a generalização da procriação artificial (cfr. o útero artificial idealizado por Henri Atlan) e a quantidade de humanos não “melhorados” seja tida estritamente sob observação mediante adequadas medidas de esterilizações e de vastas campanhas de redução da natalidade<sup>12</sup>. De frente a nova raça dos transumanos, *cyborgs*, os homens *tout court* resultarão “inferiores”, um pouco como os chimpanzés o são a nosso respeito. É a tese sustentada por Kevin Warwick:

<sup>10</sup> Ver a californiana *Singularity University* (SU) fundada por Peter Diamandis e Ray Kurzweil e financiada por milionários como Elon Musk e Peter Thiel (<https://su.org/>).

<sup>11</sup> Acrônimo de *Google Apple Facebook Amazon Microsoft*, principais patrocinadores (além da própria NASA) das pesquisas de tipo transumanista.

<sup>12</sup> Conforme às tristes medidas já advogadas por “Jaffe Report” (1968); cfr <https://www.liveaction.org/news/understanding-the-jaffe-memo-planned-parenthoods-disturbing-proposition-of-population-control/> (acesso 3. 03. 2018); tal ação está já em ato, promovida pela ONU; cfr SCHOONYANS, Michel. *Terrorismo dal volto umano*. Siena: Cantagalli, 2009, 77-131.

*it doesn't mean that everyone has to become a cyborg. If you are happy with your state as a human then so be it, you can remain as you are. But be warned – just as we humans split from our chimpanzee cousins years ago, so cyborgs will split from humans. Those who remain as humans are likely to become a sub-species. They will, effectively, be the chimpanzees of the future<sup>13</sup>.*

Acrescentemos duas notas não marginais: a índole mista *ateística* e *assexual* da empresa transumanista. Próprio de um hùmus secularista e prescindindo totalmente da existência de um Deus criador, tal pensamento é, de fato, todo *immanentista*, irreligioso e antropologicamente *reducionista*. O homem se vê reduzido à sua fisiologia e sua cerebralidade: *veluti Deus et anima non daretur*. Tal reducionismo materialista é então declinado, ao menos nas suas instâncias mais notáveis (em gênero quase exclusivamente masculino), em sentio assexual ou transexual. Não por acaso, as raras mulheres envolvidas diretamente no transumanismo promovem um tipo de feminismo que visa, na linha da teoria *Gender* de Judith Butler ou naquela do *Cyborg* de Donna Haraway, à negação própria da mulher enquanto tal<sup>14</sup>. Estes ensaios contribuem para demonstrar a inegável e prometeica *hybris* do transumanismo, cujo caráter explicitamente laicista e libertário é expressa nesta afirmação do “Manifesto” (com explícito referimento ao homônimo marxista!) da Associação italiana transumanista, cujos os membros não desdenham do dizer-se «subversivos antissistemas... laicistas fundamentalistas... cientistas duros e puros» cujo escopo é lutar «pela posse dos conhecimentos e das tecnologias; pela laicidade das instituições e da cultura; pela afirmação de um conhecimento científico do mundo»: «nós vemos nietzschanamente o homem como algo que deve ser superado»<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> *I, Cyborg*. London: Century, 2002, 4.

<sup>14</sup> Ver ainda o caso de *Body designing* de Natasha Vita-More, moglie di Max More. Cfr POULIQUEN, Laetitia. *Femme 2.0. Féminisme et transhumanisme: quel avenir pour la femme?* Saint-Léger: Le Coudray-Macouard, 2016.

<sup>15</sup> Cfr <http://www.transumanisti.it/1.asp?id Pagina=3> [acesso 12. 03. 2018].

Também vai assinalado que além dos Estados Unidos, aonde esse diálogo de superação do humano já é de domínio público, é sobretudo na China que isso se vê já há muito perseguido, não tanto na teoria quanto na prática dos laboratórios e a nível econômico-militar<sup>16</sup>. A velha Europa aparentemente anda devagar, talvez por causa de seu patrimônio humanista judaico-cristão sobre a dignidade humana, mas as pressões por um alinhamento e um ingresso na competição são evidentemente fortíssimos.

## **1.2. QUESTÕES PROPOSTAS À TEOLOGIA**

O transumano ou pós-humano não podia deixar de provocar a reflexão teológica<sup>17</sup>. A primeira coisa a se ter em conta é que o transumanismo se encontra na aspiração de transcender os limites da condição dada, um desejo de salvação, de felicidade, de cumprimento que é visto como autêntico e tipicamente humano. Entretanto, o transumanismo demonstra também uma extraordinária confiança na capacidade técnica do homem. Também aqui se pode reencontrar uma assonância com um tema tipicamente cristão: a vocação do ser humano a dominar a terra, conforme traz a teologia bíblica<sup>18</sup>. Dito isto, os vários teólogos que se confrontaram com o transumanismo não deixam de revelar evidentes incompatibilidades entre este pensamento e o cristianismo. Em primeiro lugar a já mencionada redução antropológica do homem à sua mente, com um inegável desprezo para com o corpo,

<sup>16</sup> Não impressiona que exatamente Estados Unidos e China sejam dois países não assinantes da Convenção de Oviedo (1997) que visa a tutela do genoma humano e impõe a sua proteção.

<sup>17</sup> Vozes críticas da teologia são BENANTI, Paolo. *The Cyborg: corpo e corporeità nell'epoca del post-umano. Prospettive antropologiche e riflessioni etiche per un discernimento morale*. Assisi, Cittadella, 2012; Id. *Postumano, troppo postumano. Neurotecnologie e human enhancement*. Roma: Castelvecchi, 2017; TOSOLINI, Tiziano. *L'uomo oltre l'uomo. Per una critica teologica a transumanesimo e post-umano*. Bologna: EDB, 2015; DIJON, Xavier. *Le transhumanisme*. Namur: Fidélité, 2017 (cfr Bibliografia pp. 123-126); ver também *Acta philosophica* 26/2 (2017) com intervenções de P. Capelle-Dumont, J.A. García Cuadrado; L. Grion e R. ter Meulen. Assinalamos as Conferências "Umano, Transumano, Postumano" (21. 11. 2017; Pont. Univ. S. Croce) e "Homo Cyborg. Il futuro dell'uomo, tra tecnoscienza, intelligenza artificiale e nuovo umanesimo" (25. 05. 2018; Univ. Europea di Roma) organizados pela associação *Scienza e Vita*, com contribuições do card. Bassetti, A. Gambino, G. Samek Lodovici, P. Benanti, A. Fumagalli, L. Allegra, A. Vato, D. Coviello et all.

<sup>18</sup> Ver por exemplo STARK, Rodney. *«La vittoria della Ragione»*. Torino: Lindau, 2006. Recordemos também a visão ao mesmo tempo religiosa e científica de Pierre Teilhard de Chardin, raramente, mas abusivamente similar ao (cfr TOSOLINI, *L'UOMO OLTRE L'UOMO*, CIT. NT 17, 85-100).

vulnerável, sujeito a enfermidades, velhice e morte. Neste mesmo sentido é clara a desconfiança da natureza e da bondade da criação e, portanto, uma implícita, se não de todo explícita, negação do Criador<sup>19</sup>. A felicidade mesma perseguida pelo transumanismo, focalizada sobre o bem-estar, a qualidade e auto-conservação da vida, aparece inconcebível com a visão cristã de beatitude como comunhão de amor.

Enfim, os teólogos advertem sobre o caráter prometeico do transumanismo. Existe indiscutivelmente uma enorme *hybris* no projeto de superar o homem. Entretanto, faria bem recordar aqui que vários autores do cristianismo antigo, como Tertuliano, o verdadeiro Prometeus, ou seja, aquele que beneficia os homens por fazer-lhes livres e fortes, era o Deus cristão mesmo<sup>20</sup>. É por isto que alguns pensadores cristãos, não sem razão, sustêm de modo um pouco provocativo que o transumanismo, como superação da humanidade ferida, é o cristianismo<sup>21</sup>.

O magistério eclesiástico tem até aqui conservado um sóbrio silêncio. Talvez a primeira intervenção explícita foi feita pelo Papa Francisco em 18 de Novembro de 2017 ao Pontifício Conselho para a Cultura, que havia consagrado ao tema a própria assembleia Plenária<sup>22</sup>. O Pontífice, depois de revelar a importância dos progressos da medicina genética, das neurociências e da robótica, repunha ao centro a questão antropológica iluminada pelas categorias da revelação e da liberdade. Ele sublinhava também que a apreciação do desenvolvimento científico deve ser acompanhado por um referimento às grandes tradições sapienciais das culturas e religiões em vista de um renovado humanismo capaz de uma visão antropológica «mais integral e integrante» (Cf. *Laudato si* [=LS, 2015], 141). Três princípios ético-

<sup>19</sup> A única referência a Divindade na acima citada *Lettera a Madre Natura* di Max More está nessa frase: «(Perhaps You could pass this on to Father, since we never seem to see him around)». Cfr. DIJON, *Le transhumanisme*, cit. nt 17, 9255.

<sup>20</sup> Era já a tese de Edgar Quinet em *Il mito di Prometeo nei suoi rapporti con il cristianesimo* (1838); cfr Vaccaro, Andrea. «Prometeo, incatenato dagli ateisti». *Avvenire* 22. 03. 2014.

<sup>21</sup> Cfr DE GRAMONT, Dominique. *Le christianisme est un transhumanisme*. Paris: Cerf, 2017.

<sup>22</sup> Cfr. [https://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2017/november/documents/papa-francesco\\_20171118\\_plenaria-cultura.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2017/november/documents/papa-francesco_20171118_plenaria-cultura.html). (acesso 3. 12. 2017).

filosóficos para insistir são: a centralidade da pessoa como ser sagrado e irreduzível ao meio; a universal destinação dos bens, inclusos aqueles “do conhecimento e da tecnologia”; o postulado de que «*nem tudo aquilo que é tecnicamente possível ou factível é por isso mesmo eticamente aceitável*»<sup>23</sup>. O papa concluía relembrando a clássica e talvez insuperável definição do papa Montini do verdadeiro progresso, como busca do «bem de todos os homens e do homem todo».

No rastro destas indicações propomos a seguir, a modo de tese, somente três fundamentos guias que parecem-nos imprescindíveis para um discernimento católico. O faremos sobretudo à luz do citado magistério ‘profético’ de Paulo VI em feliz sincronia com a sua canonização a 14/10/2018. Validaremos a veleidade do progresso pós-humano, e a pretensão de uma total domínio sobre a natureza; lembraremos, enfim, a necessária memória evangélica do verdadeiro cumprimento do homem em Jesus Cristo.

## 2. TRÊS CHAVES PARA UM DISCERNIMENTO

### 2.1. TRANSUMANISMO E AUTÊNTICO PROGRESSO HUMANO

Tese I. O verdadeiro progresso significa desenvolvimento do homem todo e de todos os homens. Uma busca tecnocientífica que reduza o homem à sua materialidade e que emprega enormes meios econômicos perseguindo o “pós-humano”, quando milhões de seres humanos vivem ainda em condições sub-humanas, resulta imoral porque idolátrica e iníqua.

À luz dos ensaios do Pe. Lebreton, Paulo VI escreveu: «o progresso não se reduz ao simples crescimento econômico. Para ser autêntico progresso, deve ser integral, o que não quer dizer voltado à promoção de cada homem e do homem todo. Como foi justamente sublinhado por um eminente

<sup>23</sup> Tais proposições batem com essa asserção transumanista: «A acusação de *hybris* (arrogância, infração do limite, superação dos Pilares de Hércules), que nos é dirigida às vezes, é expressão de visões do mundo pré-darwianas: o transumano não pode ir contra a natureza porque nada daquilo que a tecnociência pode fazer se coloca além das leis da física e da biologia (*Manifesto*; cfr <http://www.transumanisti.it/1.asp?idPagina=3> [acesso 12.03.2018]).

especialista: “nós não aceitamos separar o econômico do humano, o desenvolvimento da civilidade onde se inserem. Isto que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até a compreender a humanidade inteira”». Tal pensamento, que é o fulcro da encíclica social montiniana, reaparece no nº 42 onde, citando Jacques Maritain e Henri de Lubac, se diz: «É um humanismo pleno que se deve promover. Que quer dizer isto, se não o desenvolvimento de todo o homem e de todos os homens? Um humanismo fechado, insensível aos valores do espírito e a Deus que é sua fonte, poderia aparentemente ter maior possibilidade de triunfar. Sem dúvida o homem pode organizar a terra sem Deus, mas “sem Deus ele não pode mais que organizá-la contra o homem. O humanismo exclusivo é um humanismo inumano”. Não existe portanto um humanismo verdadeiro se não aberto ao Absoluto, no reconhecimento de uma vocação, que oferece a ideia verdadeira da vida humana. Longe do ser a norma última dos valores, o homem não realiza a si próprio senão transcendendo-se. Segundo a expressão assim justa de Pascal: “o homem supera infinitamente o homem”». Feita uma admoestação profética, que então visava obviamente *in primis* a tentativa “milenarista” do projeto marxista-leninista, e se verificou pontualmente com a queda do bloco comunista entre 1989 e 1991. Mas a profecia não trata somente do materialismo soviético; ela se adapta perfeitamente àquela utopia materialista do mundo ocidental que é a sociedade capitalista. Esta, reunida hoje a aquilo que se designa ainda como “turbo-capitalismo pós-burguês”<sup>24</sup>, propõe resolver todos os problemas do ser humano mediante objetos de consumo. Se a preciosíssima nanomedicina não se limita ao âmbito terapêutico, mas pretende ser aumentativa, vai de encontro a uma comercialização global na perspectiva de uma indefinida potencialização das próprias capacidades físicas, sensoriais e intelectuais

---

<sup>24</sup> «L’odierna individualizzazione ultracapitalista... ha rimpiazzato la vetusta forma autoritaria borghese con un fondamentalismo economico che non conosce più limiti morali e impedimenti etici al suo movimento di mercificazione universale» (FUSARO, Diego. *Minima mercatalia. Filosofia e capitalismo*. Milano: Bompiani, 2012, 379).

entregue além das possibilidades das “NBIC” (cf interface neural, sensorial, exoesqueleto...). Neste sentido o projeto transumanista não é mais que a ponta do iceberg do designo totalitário do materialismo capitalista fechado à transcendência. O homem que quer superar-se no outro-homem transumano é de fato um homem incapaz de validar a própria verdadeira grandeza. Como diz Oliver Rey: «o homem aumentado é o sonho de um homem diminuído»<sup>25</sup>. Como assinalado, a felicidade do H+ não tem relação com a beatitude da comunhão humana-divina na experiência conjunta do Verdadeiro, do Belo e do Bom, mas se reduz a sensações de prazeres pela *performance* alcançada. Salva então emergir-se no ‘cativeiro infinito’ do consumismo ininterrupto e da perene competitividade<sup>26</sup>.

Por isso não se trata do progresso de “todo o homem”, mas no projeto transumanista se trata, ao contrário, da evacuação do homem concreto, com suas fragilidades e limitações, sem honrar a sua verdadeira grandeza: a alma, como capacidade de percepção da transcendência e de relação com Deus. O escopo do transumanismo é mais a “negação do homem” que o seu melhoramento: «o homem tenta uma variedades de evoluções tecnologicamente guiadas abandonando a sua humanidade»<sup>27</sup>. E tal humanidade reencontra-se recuperando a antropologia global e unitária bíblico-patristica (classe ireneana) que sabe unir inseparavelmente corpo-alma-espírito (cf 1Ts 5,23) além do prejudicial dualismo mente/corpo do modelo cartesiano<sup>28</sup>.

Mas nem mesmo é um progresso “para todos os homens”. E aqui o argumento é tão dramático quanto: a veleidade pós-humana já em ato

<sup>25</sup> Cfr DIJON, *Le transhumanisme*, cit. nt 17, 47.

<sup>26</sup> Merece recordar aqui a noção schumpeteriana de “Creative destruction/ *schöpferische Zerstörung*” própria do capitalismo moderno. Não por acaso tal noção atravessa o volume de SCHWAB, Klaus. *La quarta rivoluzione industriale*. Milano: F. Angeli, 2016. Acerca dos riscos de tal *niilista* e incensante aceleração inovativa, ver STIEGLER, B. *Dans la disruption, comment ne pas devenir fou?* Paris: Les Liens qui libèrent, 2016. Sobre a idolatria da criatividade enquanto tal, cfr TOSOLINI, *L'uomo oltre l'uomo*, cit. nt 17, 55-63.

<sup>27</sup> BENANTI, *The Cyborg*, cit. nt 17, 508.

<sup>28</sup> PARIS, Leonardo. *Teologia e neuroscienze. Una sfida possibile*. Brescia: Queriniana, 2017, 171-216. Vedi pure MAGNIN, Thierry. *Penser l'humain au temps de l'Homme augmenté. Face au défi du transhumanisme*. Paris: Albin Michel, 2017.

está envolvendo financiamentos milionários que levarão à proposta de uma *infinidade* de produtos e à possibilidades técnicas *indefinidamente* crescentes (joia do mercado!) que serão, num primeiro momento, sempre privilégio de uma minoria que poderá permitir-se tê-los. A notável objeção acerca da progressiva democratização dos preços, de fato, não o detém, considerado o lembrado horizonte indeterminado do desenvolvimento tecno-capitalista. Aquilo que grita ao Céu não é mais que a iniquidade que se verifica no confronto entre os meios enormes passados para perseguir o já dito *enhacement* transumano de alguns poucos indivíduos a despeito da sorte desumana ou sub-humana na qual vivem hoje milhares senão milhões de pessoas. O horizonte que se perfila é aquele de um mundo futuro quebrado em dois: de um lado a elite de homens aumentados, “olímpicos”, e do outro uma massa de simples humanos, aparentemente deixados a si mesmos, mas bem monitorados e cientemente usados como dóceis e alienados consumidores. A esperança é um *surcroît* de consciência da parte de quem não se resigna nem à redução do homem à performance, nem àquela do progresso ao mero desenvolvimento técnico.

## **2.2. TRANSUMANISMO E RESPEITO À NATUREZA**

Tese II. Longe de uma perspectiva de respeitoso domínio da natureza, concebida como dom à criatura, o transumanismo visa não somente infligir as leis mas suplantá-las de todo.

A *Populorum progressio* nos forneceu um primeiro elemento de discernimento; um outro princípio se encontra em germe na *Humanae vitae* (1968): o necessário equilíbrio entre domínio da natureza e respeito pela natureza, e isso será depois retomado sobretudo por Bento XVI na *Caritas in veritate* e por Francisco na *Laudato si*<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Cfr. as nossas contribuições presentes respectivamente em *Lateranum* 76 (2010) 103-116 e 81 (2015) 701-710.

Esclarecemos que quando falamos aqui de “*natureza*”, nos referimos ao conjunto daquilo que é dado, oferecido pela realidade mesma de modo prévio a qualquer desenvolvimento cultural. «A “*natureza*” de uma criatura é o traço da casualidade criadora e a presença nesta de uma destinação... o termo *natureza* designa aquilo que no homem é inato (*natura, natus, nasci*), aquilo que antecede aos seus inícios é aquilo segundo o que ele é levado ao seu cumprimento<sup>30</sup>». Com as palavras de São Tomás, «a natureza não é mais que a razão de uma certa arte, na classe de arte divina, inscrita nas coisas, pela qual as coisas mesmas se movem em direção a um determinado fim. Como se o mestre construtor de navios pudesse conceder ao lenho de mover-se por si para tomar a forma de um navio»<sup>31</sup>. A natureza como criação (*gratia conditionis*, segundo a fórmula de Santo Agostinho) é, no homem, aquilo que precede seja o pecado (como sua degeneração) como a arte e a graça (como seu melhoramento humano e divino). Ela corresponde portanto à “*criaturalidade*”, e isto permite de pensar, juntos, seja a “*natureza humana*” quanto a natureza como “*ambiente físico*”. A prospectiva de “*ecologia*”, “*ecologia humana*” e “*ecologia integral*”, própria do recente magistério pontifício, manifesta a possibilidade de tal compreensão comum<sup>32</sup>. «A natureza é expressão de um *desígnio de amor e de verdade*. Essa nos precede e nos é doada por Deus como ambiente de vida. Nos fala do Criador (cf Rm 1,20) e de seu amor pela humanidade. É destinada a ser ‘recapitulada’ em Cristo nos fins dos tempos (cf Ef 1,9-10; Col 1,19-20). Também essa, portanto, é uma “*vocação*” [João Paulo II]. A natureza é a nossa disposição não como “*um monte de rejeitos dispersos ao acaso*” [Heráclito], mas como um dom do Criador que nos designou seus arranjos intrínsecos, afim de que o homem extraia dela as diretrizes apropriadas para “*vigiá-la e cultivá-la*” (Gn 2,15)» (Civ 48).

<sup>30</sup> CHAPELLE, Albert. *Ontologie*. Bruxelles: Lessius, 2008, 129-130. Toda a realidade, inclusive a humanidade, é “*nascida*”, gerada, criada. Sobre o tema do nascimento, cfr. ZUCAL, S. *Filosofia della nascita*. Brescia: Morcellina, 2017.

<sup>31</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Commentarium in Physycorum libris*, II,14; citato por Francisco, LS 80.

<sup>32</sup> Cfr. LOSITO, Massimo. «L’ecologia umana nel magistero pontificio». *Studia Bioethica* 9/2 (2016) 54-57.

O tema da 'natureza' (também humana) como uma potencialidade oferecida ao uso respeitoso do homem já estava presente na *Populorum progressio*: «o homem não é realmente homem senão na medida em que, mestre de suas próprias ações e juiz de seu valor, torna-se ele mesmo o autor de seu próprio progresso, em conformidade com a natureza que lhe deu seu Criador e da qual ele assume livremente as possibilidades e exigências» (PP 34, itálico nosso).

Bem longe de ser tecnofóbica, a posição da Igreja sabe reconhecer como tipicamente humanos os progressos científicos: «o homem tem feito progressos estupendos no domínio e na organização racional das forças da natureza, de modo que se esforça para estender esse domínio (*Moderatio*) para seu próprio ser global; ao corpo, à vida psíquica, à vida social e até às leis que regulam a transmissão da vida» (HV 2). Mas a Igreja não se esquece de que o verdadeiro sinal de nobreza do homem não é apenas o domínio sobre a natureza externa, quanto àquele sobre si mesmo: um indivíduo capaz de conquistas técnicas mas sem autocontrole seria desumano. É sobre «tendências dos instintos e das paixões», que «a razão e a vontade devem exercer... o necessário domínio (*dominatio*)» (HV 10). Daqui o convite para os cônjuges «a conquistar um autocontrole perfeito (*perfecte moderari consuescant*)» (HV 21).

Pode-se e deve-se estender o princípio expresso por Paulo VI no âmbito do amor conjugal e da procriação: o respeito pelas leis naturais «significa reconhecer-se não o árbitro das fontes da vida humana, mas o ministro do projeto estabelecida pelo Criador» (HV 13). Essa reticência se encontra potenciada *a fortiori* por causa da santidade da vida humana: «de fato, como sobre seu corpo em geral o homem não tem domínio ilimitado (*infinitam potestatem*), assim não tem, com razão particular, sobre suas faculdades gerativas enquanto tais, por causa de sua ordenação intrínseca para despertar a vida, da qual Deus é princípio» (HV 13). Provêm daqui que «se não se quer expor ao arbítrio dos homens a missão de gerar a vida, se

devem necessariamente reconhecer limites insuperáveis à possibilidade de domínio do homem sobre ser próprio corpo e suas funções (*aliquos multas ... illi potestati, quam homo in proprium corpus em eiusque naturalia munera habere potest*); limites que nenhum homem, seja privado, seja coberto pela autoridade, seja lícito infringir. E esses limites não podem ser determinados a não ser pelo respeito devido a integridade do corpo humano e dos seus dotes naturais» (HV 17).

Bento XVI desenvolve muito tal conceito para afirmar que a condição do verdadeiro progresso é o cuidado atento e cuidadoso da natureza (humana) como um dom divino «se tudo fosse apenas história e cultura, e o homem não tivesse uma natureza destinada a transcender-se em uma vida sobrenatural, se poderia falar de incremento ou evolução, mas não de progresso» (CiV 29). E por 'natureza' se designa «o vínculo íntimo do próprio sujeito com sua própria origem e seu próprio fim»<sup>33</sup>. Vem de uma origem não aleatória, nem fatalista; isso depende de um projeto de amor e liberdade. O verdadeiro progresso depende do respeito que os homens e as nações darão à natureza humana e àquela física como criação e à assim chamada 'lei natural' escrita nos corações<sup>34</sup>.

No que diz respeito ao ambiente, o Magistério quer evitar dois extremos: de um lado o domínio técnico do homem sobre a natureza, explorada sem critérios éticos (é o caso do transumanismo), de outro a idolatria neo-pagã da natureza como realidade sagrada em si mesmo e superior ao homem (se vê na *Deep Ecology*). «Se a natureza, e por primeiro o ser humano, são considerados o resultado do acaso ou um determinismo evolutivo, nosso senso de responsabilidade diminui. Na natureza o crente reconhece o resultado maravilhoso da intervenção criadora de Deus, que o homem pode responsabilmente usar para satisfazer as suas necessidades legítimas –

<sup>33</sup> Cfr DIJON, Xavier. «Le livre de la nature dans l'encyclique *Caritas in veritate*». *Nouvelle Revue Théologique* 131 (2009), aqui 751.

<sup>34</sup> Su questo si veda il nostro: «"Tu amerai". La legge naturale tra verità e realtà», in *Gregorianum* 99/2 (2018) 349-372.

imateriais e materiais – no respeito dos intrínsecos equilíbrios da própria criação. Se esta visão se perde, o homem acaba por considerar a natureza um tabu intocável ou, ao contrário, por abusar dela. Ambas estas atitudes não se ajustam à visão cristã da natureza, fruto da criação de Deus»(CiV 48). A chave para este discurso reside, em última análise, na relação homem-natureza iluminada pelo texto genesíaco no qual aos humanos é concedido o verdadeiro poder de “submeter” (*kabash*) e “dominar” (*radah*; Gen 1,26b.28b), mas no horizonte dos seres “vicários” a respeito do bom Deus e fiador da bondade do cosmos (*tov*, Gen 1, *passim*).

Note-se que esta abordagem à natureza como uma “criaturalidade” não degenera em um naturalismo estático. Este, aplicado ao homem, por si só implica o progresso e o crescimento uma vez que «a pessoa humana por natureza está dinamicamente propensa ao seu próprio progresso... Nós todos sabemos tratar-se de um dom, não resultado de auto-geração»(CIV 68).

O Papa Francisco ecoa este ensinamento quando afirma que «para a tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com o projeto de amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um se gerencia, mas a criação só pode ser entendida como um dom que brota da mão aberta do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a um comunhão universal» (LS 76). Identificar natureza e “criaturalidade”, ou o dom divino confiado à responsabilidade e solidariedade humana, excluem que na relação homem-natureza se resolva no domínio único na exploração, esperando invés que esta aja como cura e cultura (cf. LS 106; 116) e tudo isto no horizonte do bem comum, da fraternidade e da solidariedade entre todos os seres humanos<sup>35</sup>. Daí a necessidade de novos e corajosos modelos de desenvolvimento, mais atentos às pessoas, ao crescimento de todos (e não apenas para alguns), a novos estilos de vida, marcados pela sobriedade e compartilhamento, em vista de uma “ecologia integral”, ou seja em harmonia com Deus, com os

<sup>35</sup> Cfr. LS 64, 92, 201, 221, 228.

outros, com a natureza.

Tal visão positiva de uma natureza criada por Deus, razoável e criadora de um projeto, constantemente reiterada pelo Magistério, se contrapõe a toda forma de idolatria da técnica e do desprezo neo-gnóstico de natureza palpável na *mens* transumanista<sup>36</sup>. Em particular, tudo quanto previsto no âmbito reprodutivo e de manipulação de embriões contradiz frontalmente o ensinamento católico sobre o respeito do nexa natural entre as dimensões unitiva e procriativa do ato de amor conjugal e da sacralidade da vida humana desde o seu surgimento (cf. HV 12 e 13). É próprio este ponto poderia marcar a grande distinção entre um progresso legítimo e adequado e um esforço técnico-científico imoral porque reduz a vida humana a “material biológico”.

### **2.3. TRANSUMANISMO E CRISTIANISMO**

Tese III: Jesus Cristo, como filho de Deus, santo no amor e glorioso na ressurreição, é o verdadeiro homem novo e o pleno cumprimento do *humanum*. Tal realização não vai portanto buscada em um produto futuro da tecnociência. Ansiar por uma superação de uma natureza humana e de uma perfeição independente do Cristo só pode ser dito como anticristianismo.

O último ponto que notamos é, para nós, o mais decisivo de todos. O transumanismo, em sua versão radical, não é apenas a negação do homem, da natureza, mas também, infelizmente, é claro, de Cristo como Salvador. Ansiar por um homem aumentado significa buscar a salvação, isto é, a plenitude do humano, em outro lugar que não em Jesus de Nazaré. Ora este é o coração da mensagem evangélica: a perfeição da humanidade não se dará em uma perfectibilidade técnico-científica, mas naquela pessoa que já apareceu na história, que é o Mestre da Galileia.

Fiel à Escritura, o Concílio Vaticano II, na Constituição *Gaudium et spes* (= GS, 1964) define quatro vezes Cristo como ‘o homem perfeito’: e

<sup>36</sup> Cfr TOSOLINI, *L'uomo oltre l'uomo*, cit. nt 17, 116-119, que sublinha a remoção (tipicamente gnóstica) do corpo e do nascimento própria do transumanismo. Sobre a questão e os perigos da técnica recordamos aqui ELLUL, Jacques. *Il sistema tecnico*, [1977]. Milano: Jaca Book, 2009.

este enquanto único e verdadeiro Filho e Imagem semelhante de Deus (GS 22c); enquanto Verbo divino encarnado, revelador de Deus como caridade (1Jo 4,8) e do «novo mandamento da caridade» como lei da verdadeira perfeição humana (GS 38a); enquanto «o fim da história humana, o ponto focal dos desejos da história e da civilização’ [Paulo VI], o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações, a plenitude de suas aspirações» (GS 45b); aquele no qual se revela o sentido da vida, do trabalho e da morte do homem e segundo o qual se torna «mais homem» (GS 41a).

Ainda sobre este ponto, Paulo VI oferece *insights* relevantes, especialmente na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (= EN, 1975): «A salvação, o grande dom de Deus» não é somente «liberação de tudo aquilo que oprime o homem, mas é sobretudo liberação do pecado e do Maligno, na alegria de conhecer a Deus e ser conhecido por ele, de vê-lo, de abandonar-se a ele» e acrescentava «tudo isso começa durante a vida de Cristo, é definitivamente conquistado mediante a sua morte e sua ressurreição, mas deve ser pacientemente conduzido no curso da história, para ser plenamente realizado no dia da vinda definitiva de Cristo» (EN 9). Ele sublinhava também que «em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a cada homem, como um dom de graça e misericórdia do próprio Deus. E *não uma salvação imanente*, a medida das necessidades materiais ou ainda espirituais que se exaurem no quadro da existência temporal e se identificam completamente com os desejos, as esperanças, as ocupações, as lutas temporais, mas sim uma salvação que ultrapassa todos esses limites para atuar-se em uma *comunhão com o único absoluto, aquela de Deus*: é salvação transcendente, escatológica, que tem certamente seu início nesta vida, mas se cumpre na eternidade» (EN 27, itálico nosso). Com tal afirmação, na qual ecoa a definição de salvação já oferecida na LG <sup>37</sup>, o papa Montini exclui uma redução imanentista do cumprimento humano, que é

<sup>37</sup> «Íntima união com Deus e unidade de todo o gênero humano»; sobre isso, veja-se também JOÃO PAULO II, *Redemptor hominis* (1979), n. 18d; *Redemptoris Missio* (1990), nn. 5, 20; 45; CDF, *Dominus Iesus* (2000), n. 18; FRANCISCO, *EVANGELII GAUDIUM* (2013), NN. 265-266.

precisamente a neo-utopia transumanista. Ainda, sobre essa soteriologia que implica um antropologia integral: «a libertação, que a evangelização inicia e se esforça para realizar... não pode limitar-se à simples e restrita dimensão econômica, política, social ou cultural, mas deve visar o homem inteiro, em cada dimensão sua, compreendendo a sua abertura ao absoluto, mesmo ao Absoluto de Deus; é portanto enraizada em uma certa concepção do homem, em uma antropologia, que não pode nunca sacrificar-se às exigências de uma estratégia qualquer, de uma praxe ou eficácia a curto prazo» (EN 33). Assim que, “cada libertação temporal, cada libertação política” - e hoje poderíamos acrescentar: “cada libertação tecnocientífica” - “leva em si mesma a semente da própria negação e lapsos dos ideais que se propõe seja porque os seus motivos não são aqueles da justiça na caridade, seja porque o ímpeto que a arrasta não tem uma dimensão verdadeiramente espiritual e porque o seu propósito final não é a salvação e a bem-aventurança em Deus” (EN 35). A razão está no fato de que “as melhores estruturas, os sistemas melhor idealizados tornam-se rapidamente inumanos se as inclinações inumanas do coração do homem não são curadas, se não existe uma conversão do coração e da mente daqueles que vivem nessas estruturas ou as dominam” (EN 36). Em suma, a verdadeira libertação e salvação se têm somente através da redenção e elevação levada a cabo por Jesus Cristo, que libera do pecado, revela o amor paterno de Deus e nos insere nele: em Cristo «toda a humanidade pode encontrar, em uma plenitude inimaginável, tudo aquilo que essa busca às apalpadelas a Deus, sobre o homem e sobre seu destino, sobre vida e sobre a morte, sobre a verdade» e, assim, encontrar «o mistério da paternidade divina que se inclina sobre a humanidade; em outras termos, a nossa religião instaura efetivamente com Deus uma relação autêntica e vivente, que as outras religiões não conseguem estabelecer, se bem que esses mantenham, por assim dizer, os seus braços estendidos em direção ao céu» (EN 53).

Parece próprio que se tenha no transumanismo o ápice do fenômeno denunciado como “secularismo” e que consiste em «uma concepção do

mundo na qual esse se explica por si sem que seja necessário recorrer a Deus, tornando-se desse modo supérfluo e obscuro. Um igual secularismo, para reconhecer o poder do homem, termina assim por fazer pouco de Deus e também por negá-lo» (EN 55b)<sup>38</sup>. De fato, ao ateísmo se acompanha o fechamento à Boa-Notícia evangélica: o não reconhecer em Jesus Cristo a verdade do homem, a filiação divina, a santidade no amor e a *glória* mediante a ressurreição. Isso quer dizer propor um *Ersatz* da salvação, um final a frente à qual necessitaremos “tapar nossos ouvidos”<sup>39</sup>. Para o crente, a escolha entre uma realidade transumana potenciada (desnaturada e aumentada) e a humilde natureza humana com toda a sua debilidade carnal é feita desde o início em favor desta última, pelo principal fato de que é esta a natureza humana (*caro peccati*, Rm 8,3) que o logos divino assumiu<sup>40</sup>. Para nós «existe apenas um médico, carnal e espiritual, gerado e não criado, vindo na carne e Deus; na morte, verdadeira vida; nascido de Maria e nascido de Deus; por primeiro passível e agora impassível: Jesus Cristo, nosso Senhor»<sup>41</sup>. «O cristão, conformado à imagem do Filho, que é o primogênito dentre muitos irmãos [filiação], recebe “as primícias do Espírito” (Rm 8,23), pela qual torna-se capaz de cumprir a nova lei do amor [santidade]. Em virtude deste Espírito, que é o “depósito da herança” (Ef 1,14), todo o homem vem interiormente refeito, até a vista da “redenção do corpo” [glória] (Rm 8,23.11) (GS 22d.e)<sup>42</sup>.

A única via para a verdadeira “transumanização”, ou seja, ao são e devido transcender da mera decaída natureza humana, que porém não a negue, mas assuma e a cure, é, como bem sabia Dante Alighieri, aquela de

<sup>38</sup> Sobre o desvio ateu e sobre o “antropocentrismo desviado” próprio da modernidade ocidental, ver Bento XVI, *Spe salvi* (2007), nn. 16-22 e Francisco, LS nn. 69, 118-119, 122. Cfr. sobre isso BRAGUE, Rémi. *Le règne de l'homme. Genèse et échec du projet moderne*. Paris: Gallimard, 2015.

<sup>39</sup> A expressão é de Inácio de Antioquia, *Ad Ephesios*, ix, 1.

<sup>40</sup> É significativo que as mais frequentes ocorrências do termo ‘natureza humana’ no Catecismo se refiram à assunção desta da parte do Filho de Deus encarnado (cfr CCC 466s; 470, 473, 503s, 695, 2664).

<sup>41</sup> Inácio de Antioquia, *Ad Ephesios*, vii.

<sup>42</sup> Sobre a tríade cristológica filiação – santidade – glória, como figura da salvação positiva proposta pelo cristianismo, ver o nosso *Teologia della storia cristiana*, Chirico, Napoli 2013, 19-25.

deixar-se transfigurar pela graça de Deus à vista de sua glória<sup>43</sup>. A busca pela perfeição e imortalidade fora do Cristo ressuscitado e da comunhão dos santos no seu Espírito só pode ser chamada de uma 'ideia falsa', inspirada pelo anti-cristianismo "*Simila Dei*" e portador de um irrefutável traço da antiga tentação de tornar-se como Deus, sem Deus e contra Deus<sup>44</sup>.

### 3. REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Meio século atrás, Olivier Clément notou oportunamente que a revolução social e moral de sessenta e oito tinha fundido Marx, Nietzsche e Freud propiciando assim uma mistura mortal ateísta<sup>45</sup>. A descristianização que se seguiu deu razão ao teólogo ortodoxo. Se bem possamos dizer que a "revolução transumansista", que se move precisamente na esteira daquela onda secularista, se funde em um *mix* tão mortal «Condorcet / Comte, Darwin e Feuerbach / Nietzsche» isto é «Culto do Progresso Científico – Evolução - ateísmo com vontade de poder», para criar uma ideologia pós-moderna de caráter hiper-individualista, hiper-hedonista, hiper-performancista<sup>46</sup>, bem adequada ao neoliberalismo capitalista. Em termos bíblicos, se trata de uma verdadeira *idolatria* pós-humanista, pós-cristã que idolatra a Ciência e a Técnica e pretende levar à um pós-homem, de fato pós-humano e desumano<sup>47</sup>.

Paradoxalmente, o transumanismo, ao mesmo tempo, dessacraliza e absolutiza a vida terrena: dessacraliza-a coisificando-a e reduzindo-a a objeto de manipulação tecnológica; a absolutiza querendo perpetuá-la e aperfeiçoá-la como único horizonte de existência. O cristianismo proclama justamente

<sup>43</sup> É significativo que a primeiríssima ocorrência do lema relativo ao "transumano" se encontre em contexto cristão, na *Divina Comédia*: «Trasumanar significar per verba / non si poria...» (*Il Paradiso*, c. I, 70), com imediata invocação de Deus criador e renditor: «...amor che 'l ciel governi/ tu 'l sai che col tuo lume mi levasti», (vv. 74-75).

<sup>44</sup> Cfr MÁXIMO O CONFESSOR, *Ambiguorum liber*, PG 91, 1156c, citado em CCC 398.

<sup>45</sup> Cfr RICCARDI, Andrea. «Olivier Clément, itinéraire d'un théologien orthodoxe». *Etudes* 412 (2010/2), 215.

<sup>46</sup> Faz-se eco aqui aos três "super" (super-longevità, super-intelligenza, super-benessere) advogados por David Pearce, fundador com N. Bostrom, da *World Transhumanist Association* (WTA) hoje designada como *Humanity+* (1998). Sobre a referência a Nietzsche, cfr TOSOLINI, *L'uomo oltre l'uomo*, cit. nt 17, 19ss.

<sup>47</sup> Insiste sobre isso Vergely, Bertrand. *La tentation de l'homme-Dieu*. Paris: Le Passeur, 2015.

o contrário: a vida humana é sagrada porque é orientada à comunhão com Deus e precisamente por isso é relativizada, no seu aspecto temporal, como peregrinação ("*paroichía*") com respeito ao seu destino eterno.

Na salvação/perfeição perseguida pelo transumanismo confluem singularmente os dois grandes inimigos da santidade apontados recentemente pelo Papa Francisco: a tentação gnóstica de uma salvação desencarnada e aquela da "*auto-soteria*" pelagiana que exclui a transcendência da graça<sup>48</sup>.

Como o post '68 Ocidental sanciona a pior descristianização jamais vista na história, assim se pode prever que a ideologia pós-humanista, com seu fermento ateuista e trans-naturalístico, determinará uma ulterior fase na secularização e, portanto, um ulterior aproximar-se do *mysterium iniquitatis*<sup>49</sup>.

Após a morte de Deus decretada por Nietzsche, depois da constatação, feita por muitas partes, do fim do próprio homem<sup>50</sup>, assistimos agora a tentativa concreta, coberta nas melhores intenções, de suprimir o ser humano tal como o conhecemos: extrema astúcia e veleidade daquele que foi definido como «Homicida desde o princípio» e capaz de disfarçar-se de «anjo de luz». (Jo 8,44; 2Cor 11,14).

Diante deste desafio histórico e a custo de aparecer ainda um retorno reacionário (e taxado agora de "bio-conservadorismo"), a Igreja, com o seu magistério, deverá fazer ouvir a sua voz profética de denúncia dos erros (*elenchós*), de anúncio da verdade de Cristo (*kêrygma*) e de consolo aos mais

<sup>48</sup> Cfr. FRANCISCO, Esort. Apost. *Gaudete et exsultate* (2018), cap. 3. Note-se, ao n. 35, a referência aCDF, Lett. *Placuit Deo*, «Sia l'individualismo neo-pelagiano che il disprezzo neo-gnostico del corpo sfigurano la confessione di fede in Cristo, Salvatore unico e universale».

<sup>49</sup> Em outro lugar fizemos uma hipótese que a força "que retém" (*katechon*) a manifestação última do Anticristo e que será emfim removida (cfr 2Ts 2,6s) seja o sentido religiosa natural do homem (cfr *Teologia della storia cristiana*, cfr nt 42, 90ss).

<sup>50</sup> O fim do homem goi já evocado, em modos muitos diversos, como perda do sentido da Lei natural ou *Tao* (cfr LEWIS, Clive S. *L'abolizione dell'uomo*, [1943]. Milano: Jaca Book, 2016, 67); como apagamento do sentido e da própria transcendência em relação às conquistas técnicas (Günther Anders; «Dobbiamo avere il coraggio di ammettere e proclamare, insieme con la morte di Dio, anche la morte del senso, riconoscere che non siamo stati progettati» [*L'uomo è antiquato*, [1956]. Torino: Bollati Boringhieri, 1992, vol. 2, 357]; como êxito da morte de Deus: «Plus que la mort de Dieu, - ou plutôt dans le sillage de cette mort et selon une corrélation profonde avec elle, ce qu'annonce la pensée de Nietzsche, c'est la fin de son meurtrier; c'est l'éclatement du visage de l'homme dans le rire, et le retour des masques» (FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966, 397).

débeis (*paraklêsis*). Essa deverá advogar um progresso verdadeiramente humano, justo e ecológico, um remédio terapêutico e respeitoso da pessoa; mas ainda uma renovada aliança entre ciência e consciência, lembrando a frase bem conhecida de Rabelais: «science sans conscience n'est que ruine de l'âme». Essa deverá fazer-se promotora de uma união sem precedentes entre o poder da tecnologia e a santidade da ética; como defendido pelo próprio fundador do cientificismo moderno, Francis Bacon, que declarava que «à consequência do pecado o homem caiu do seu estado de inocência e do seu domínio sobre as criaturas. Ambas as coisas se podem recuperar, ao menos em parte, nesta vida. A primeira através da religião, a segunda através da arte e das ciências»<sup>51</sup>. Se se esquece que «a religião sem a ciência é cega e que a ciência sem a religião é manca» (A. Einstein), a catástrofe para o gênero seria iminente.

Sobretudo, a Igreja deve lembrar que a verdadeira dignidade do homem não reside em uma presumida perfeição físico-intelectual e não se revela nas *performances*, mas na caridade<sup>52</sup>; não na eliminação do débil e do frágil, mas na sua elevação ao amor fraternal .

Por fim, estamos convencidos de que a questão transumanista também estimula a Igreja a dar um salto à frente em sua doutrina social integrando uma maior reflexão sobre o potencial positivo do desenvolvimento tecnológico. Tal esforço do pensamento favoreceria o surgimento de uma mentalidade capaz de propor uma nova conciliação entre Razão e Fé, Progresso científico e Moral, Democracia e Fraternidade. Em certo sentido, a tríade «Comte-Darwin-Nietzsche» deveria dar lugar à tríade «Pascal-Teilhard-Maritain». Desta forma, o prodigioso progresso tecnocientífico poderia realmente revelar-se amigo do homem e providencial: ciência e técnica, juntamente com moralidade e religiosidade, reciprocamente iluminadas, a benefício de todo o homem e de todos os homens. Assim se perfilaria no “horizonte” aquela “eu-topia” cristã que Paulo VI chamou de «civilização do amor».

<sup>51</sup> *Novum organum*, II, 52.

<sup>52</sup> Seja lícita uma indicação ao nosso: «*Dignitas dilectionis munus*. Dignità umana e Fede cristiana», in *Lateranum* 82 (2016) 121-158.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Laurent. *La mort de la mort: comment la technomédecine va bouleverser l'humanité*. Paris: éd. J.-C. Lattès, 2013.

ANDERS, Günther. *L'uomo è antiquato*, [1956]. Torino: Bollati Boringhieri, 1992.

BENANTI, Paolo. «Ut si homo non daretur? Un tentativo di dialogo con il post-umano a partire da alcuni spunti della Gaudium et spes». *Gregorianum* 97/3 (2016).

\_\_\_\_\_. *Postumano, troppo postumano. Neurotecnologie e human enhancement*. Roma: Castelvecchi, 2017.

\_\_\_\_\_. *The Cyborg: corpo e corporeità nell'epoca del post-umano. Prospettive antropologiche e riflessioni etiche per un discernimento morale*. Assisi, Cittadella, 2012.

BENTO XVI. *Spe salvi* (2007).

BESNIER, Jean-Michel. *Demain les Posthumains. Le futur a-t-il encore besoin de nous?* Paris: Hachette, 2009.

BONIFATI, Nunzia; LONGO, Giuseppe O. *Homo immortalis. Una vita (quasi) infinita*. Milano: Springer, 2012.

BRAGUE, Rémi. *Le règne de l'homme. Genèse et échec du projet moderne*. Paris: Gallimard, 2015.

CHAPELLE, Albert. *Ontologie*. Bruxelles: Lessius, 2008.

DE GRAMONT, Dominique. *Le christianisme est un transhumanisme*. Paris: Cerf, 2017.

DIJON, Xavier. «Le livre de la nature dans l'encyclique *Caritas in veritate*». *Nouvelle Revue Théologique* 131 (2009).

\_\_\_\_\_. *Le transhumanisme*. Namur: Fidélité, 2017.

DROIT, Emmanuel. *Vers un homme nouveau. L'éducation socialiste en RDA (1949-1989)*. Rennes: Presses Univ. de Rennes, 2009.

ELLUL, Jacques. *Il sistema tecnico*, [1977]. Milano: Jaca Book, 2009.

FERRY, Luc. *La révolution transhumaniste*. Paris: Plon, 2016.

- FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.
- FRANCISCO. Esort. Apost. *Gaudete et exultate* (2018).
- \_\_\_\_\_. *Evangelii gaudium* (2013).
- \_\_\_\_\_. *Laudato Sí* (2015).
- FUSARO, Diego. *Minima mercatalia. Filosofia e capitalismo*. Milano: Bompiani, 2012.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo deus. Breve storia del future*. Milano: Bompiani, 2017.
- JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis* (1979).
- \_\_\_\_\_. *Redemptoris Missio* (1990).
- KURZWEIL, Ray. *La singolarità è vicina*. Milano: Apogeo, 2008.
- \_\_\_\_\_; GROSSMANN, Terry. *Transcend: Nine Steps to Living Well Forever*. New York: Rodale, 2009.
- LEWIS, Clive S. *L'abolizione dell'uomo, [1943]*. Milano: Jaca Book, 2016.
- LOSITO, Massimo. «L'ecologia umana nel magistero pontificio». *Studia Bioethica* 9/2 (2016).
- MAGNIN, Thierry. *Penser l'humain au temps de l'Homme augmenté. Face au défi du transhumanisme*. Paris: Albin Michel, 2017.
- MANZOCCO, Roberto. *Esseri umani 2.0. Il transumanismo: idee, storia e critica della più nuova delle ideologie*. Milano: Springer, 2014.
- MATARD-BONUCCI, Marie-Anne; MILZA, Pierre. *L'Homme nouveau dans l'Europe fasciste (1922-1945)*. Paris: Fayard, 2004.
- MELDOLESI, Anna. *E l'uomo creò l'uomo. Crispr e la rivoluzione dell'editing genomico*. Torino: Bollati Boringhieri, 2017.
- PARIS, Leonardo. *Teologia e neuroscienze. Una sfida possibile*. Brescia: Queriniana, 2017.
- POULIQUEN, Laetitia. *Femme 2.0. Féminisme et transhumanisme: quel avenir pour la femme?* Saint-Léger: Le Coudray-Macouard, 2016.
- RICCARDI, Andrea. «Olivier Clément, itinéraire d'un théologien orthodoxe». *Etudes* 412 (2010/2).

ROSETTI, Carlo Lorenzo. «“Tu amerai”. La legge naturale tra verità e realtà», in *Gregorianum* 99/2 (2018) 349-372.

\_\_\_\_\_. «*Dignitas dilectionis munus*. Dignità umana e Fede cristiana», in *Lateranum* 82 (2016) 121-158.

\_\_\_\_\_. *Teologia della storia cristiana*, Chirico, Napoli 2013, 19-25.

SCHOOYANS, Michel. *Terrorismo dal volto umano*. Siena: Cantagalli, 2009.

SCHWAB, Klaus. *La quarta rivoluzione industriale*. Milano: F. Angeli, 2016.

STARK, Rodney. «*La vittoria della Ragione*». Torino: Lindau, 2006.

STIEGLER, B. *Dans la disruption, comment ne pas devenir fou?* Paris: Les Liens qui libèrent, 2016.

TINTINO, Giorgio. *Tra Umano e PostUmano. Disintegrazione e riscatto della persona*. Milano: Franco Angeli, 2015.

TOSOLINI, Tiziano. *L'uomo oltre l'uomo. Per una critica teologica a transumanesimo e post-umano*. Bologna: EDB, 2015.

VACCARO, Andrea. «Prometeo, incatenato dagli atei». *Avvenire* 22. 03. 2014.

VATINNO, Giuseppe. *Il “transumanesimo”. Una nuova filosofia per l’Uomo del XXI secolo*. Roma: Armando Ed., 2010.

VERGELY, Bertrand. *La tentation de l’homme-Dieu*. Paris: Le Passeur, 2015.

WARWICK, Kevin. *I, Cyborg*. London: Century, 2002.

ZUCAL, S. *Filosofia della nascita*. Brescia: Morcellina, 2017.